

Con il PVA in mano

Rileggere la Magnifica Humanitas
per custodire l'umano nel tempo dell'IA

Antonio Boccia

Per i Salesiani Cooperatori e la Famiglia Salesiana

Apresentação

Entre os compromissos que procurei levar a cabo nestes anos de serviço como Coordenador Mundial, esteve o de encorajar os Salesianos Cooperadores a fazerem verdadeiramente seus os documentos da Igreja. Não como leitura obrigatória, nem como material a acrescentar aos tantos outros documentos já presentes nos nossos arquivos, mas como instrumento vivo para compreender o tempo em que vivemos e para orientar a nossa ação.

O PVA prevê explicitamente: os «Documentos da Igreja» figuram entre as fontes da formação inicial (Reg. Art. 15 §2), e a formação permanente exige que se dedique tempo ao estudo da doutrina da Igreja (Reg. Art. 16 §1). Mas entre prever e colocar realmente em prática existe frequentemente uma distância que vale a pena completar. Não apenas por sentido do dever, mas porque, nesses textos, a Igreja nos ajuda a ler a realidade sem medo e sem ingenuidade.

Em 15 de maio de 2026, o Papa Leão XIV publicou a carta encíclica **Magnifica Humanitas**, dedicada à proteção da pessoa humana na era da inteligência artificial. Trata-se de um documento abrangente, que aborda a IA, o trabalho, a família, a educação, a comunicação, a paz e as novas formas de exploração ligadas à economia digital. Temas que não são secundários para nós: estão no cerne do nosso campo de missão.

Decidi reler esta encíclica com o Estatuto e o Regulamento do PVA em mãos, procurando os pontos de diálogo entre os dois textos. Não para demonstrar que o PVA já tinha dito tudo — seria um exercício inútil e um pouco forçado —, mas para mostrar como um documento do Magistério pode esclarecer e enriquecer aquilo que já nos comprometemos a viver. Os dois textos dialogam entre si, complementam-se e, por vezes, provocam-se mutuamente.

Tendo também ao meu lado o relatório sobre o estado da Associação, percebo que alguns desafios e alguns sonhos que surgiram no nosso percurso encontram na encíclica um eco muito concreto. Nem todos, naturalmente. Não seria honesto procurar correspondências a todo o custo. Mas onde o diálogo surge espontaneamente, vale a pena captá-lo. Por isso, ao longo destas páginas, inseri algumas notas: pequenas referências ao desafio de caminhar com os jovens rumo a uma sociedade mais cristã e humana, ao sonho de sermos testemunhas credíveis e alegres, ao esforço da identidade, da formação, da missão e da corresponsabilidade. Não como um segundo discurso ao lado do primeiro, mas como uma luz adicional no mesmo caminho.

Este texto pretende ser, acima de tudo, uma proposta de método. Não pretende ser um comentário sistemático à **Magnifica Humanitas**, nem uma análise pormenorizada de todo o seu conteúdo. A encíclica é muito mais rica do que estas páginas conseguem transmitir. Aqui, tentei fazer algo mais simples e, talvez, mais útil para a vida dos nossos Centros: mostrar como se pode pegar num documento da Igreja, lê-lo com o nosso Projeto de Vida Apostólica em mãos e deixar-se questionar. O destinatário imediato destas páginas continua a ser a Associação dos Salesianos Cooperadores, mas o método não se limita aos nossos limites. Pode ajudar, com as adaptações necessárias, também outros grupos da Família Salesiana: cada um a partir da sua própria identidade, das suas Constituições ou Regras de vida, e da sua maneira de participar no carisma de Dom Bosco. Cada Centro local poderia fazê-lo numa reunião mensal, num retiro, num momento de formação partilhada; e o mesmo poderia acontecer em outros ambientes da Família Salesiana. Não são necessárias competências específicas. É necessária a curiosidade de quem quer compreender o seu tempo e a fidelidade de quem fez uma Promessa ou acolheu uma vocação salesiana. Talvez seja também necessária um pouco de coragem: a de se deixar questionar, sem se defender imediatamente, e de se perguntar o que o Senhor está a pedir hoje à nossa Associação e, de forma mais ampla, à Família Salesiana.

Antonio Boccia, Coordenador Mundial Emérito da Associação dos Salesianos Cooperadores
Roma, maio de 2026

O texto

O primeiro contato com a **Magnifica Humanitas** pode desorientar devido à amplitude dos temas abordados. Mas basta seguir o fio condutor que Leão XIV propõe desde as primeiras páginas para encontrar uma chave de leitura acessível a todos: não somos chamados a ser especialistas em tecnologia, mas a não ficar para assistir passivamente enquanto o mundo muda à nossa volta.

O Papa utiliza duas imagens bíblicas como guias para todo o documento. A primeira é a Torre de Babel: um projeto grandioso construído sobre o orgulho, a uniformidade, a pretensão de bastar a si próprio, que acaba em confusão e dispersão. A segunda é a de Neemias a reconstruir as muralhas de Jerusalém: não sozinho, não de cima, mas em conjunto com o povo, a cada um o seu pedaço de muralha, com oração e responsabilidade partilhada. Entre estas duas imagens joga-se a escolha que a encíclica propõe a cada cristão.

A bem ver, é também uma escolha que nos diz muito respeito. No relatório sobre o estado da Associação, tínhamos indicado como desafio prioritário o **caminhar junto com os jovens rumo a uma nova sociedade mais cristã e humana**. A imagem de Neemias ajuda a

compreender bem o que isso significa: não construir um projeto a partir de cima, não imaginar uma comunidade perfeita e uniforme, mas trabalhar juntos nos pedaços de muro que nos foram confiados, nas realidades concretas, com os jovens e não simplesmente para os jovens. É uma perspectiva muito salesiana: poucas palavras solenes, muita presença, muita paciência e uma confiança obstinada no bem possível. É precisamente por isso que pode ressoar para além da nossa Associação, porque toda a Família Salesiana, de diferentes formas, guarda no coração a mesma paixão educativa.

1. Uma Doutrina Social viva, não arquivada

A «*Magnifica Humanitas*» é publicada no 135.º aniversário da «*Rerum novarum*» de Leão XIII, a encíclica que deu início ao que hoje chamamos de Doutrina Social da Igreja. O gesto não é apenas comemorativo. Leão XIV quer mostrar que essa tradição ainda é capaz de interpretar o presente. A Doutrina Social não é um catálogo de princípios a consultar quando necessário, mas — escreve o Papa — «um corpus vivo de verdades» que cresce no confronto com os desafios de cada época (n.º 3). Os capítulos I e II da encíclica percorrem esta evolução e aplicam os seus princípios fundamentais — dignidade da pessoa, bem comum, subsidiariedade, solidariedade, justiça social — às transformações provocadas pela inteligência artificial.

Para os Salesianos Cooperadores, este é um terreno familiar. O Regulamento (Art. 2.º, n.º 1) coloca a fidelidade aos ensinamentos da Doutrina Social a par da fidelidade ao Evangelho, como se fossem inseparáveis. O Estatuto (Art. 8.º, n.º 4) afirma que os Cooperadores «estão atentos à Doutrina Social da Igreja e à comunicação social para promover percursos educativos». E o Regulamento (Art. 3.º, n.º 2) pede à Associação que intervenha «corajosamente» para promover uma cultura sociopolítica inspirada no Evangelho.

Aqui surge um dos desafios que já tínhamos reconhecido no percurso associativo: a formação. Não uma formação abstrata, que fica na cabeça e não chega à vida, mas uma formação capaz de proporcionar critérios, linguagem e coragem. Se a Doutrina Social está viva, então deve tornar-se viva também nos nossos Centros, nos Conselhos, nas escolhas apostólicas, na forma como interpretamos o território. E isto aplica-se, com ênfases diferentes, a todas as realidades da Família Salesiana que queiram deixar-se educar pelo Magistério da Igreja. Caso contrário, corremos o risco de a citar, talvez até bem, mas sem lhe deixar realmente a tarefa de educar o nosso olhar.

A «*Magnifica Humanitas*» é, portanto, para nós, a atualização mais recente dessa bússola. Ignorá-la seria como ter um instrumento precioso na gaveta e não o utilizar. E

talvez, mais simplesmente, seria perder uma oportunidade de tornar o nosso PVA menos escrito no papel e mais vivido na realidade.

2. Discernir os tempos, com espírito salesiano

Uma das palavras mais recorrentes na encíclica é «discernimento». Não se trata de ser contra a tecnologia, nem de a acolher sem reservas. Trata-se de a avaliar à luz de critérios éticos e espirituais, de nos questionarmos sobre quem realmente se beneficia com ela, quem paga o seu custo e o que ela produz na vida concreta das pessoas. Leão XIV pede este discernimento a todos — não apenas aos bispos ou aos teólogos — porque as escolhas relativas à inteligência artificial são feitas todos os dias, mesmo por quem a utiliza sem perceber.

O PVA reconhece esta tarefa como parte essencial da identidade do Cooperador. O Regulamento (Art. 11.º, n.º 1) descreve pessoas que «discernem os sinais dos tempos e, com espírito de iniciativa, se esforçam por dar respostas adequadas às necessidades que emergem do território e da sociedade civil», prontas a «verificar e reajustar constantemente a sua ação». O Estatuto (Art. 16.º, n.º 1) apela a «promover as novidades com um sentido crítico cristão» e a «estar à escuta, sobretudo dos jovens, no discernimento dos sinais dos tempos».

Não se trata de uma atitude defensiva perante o novo, nem de um entusiasmo ingênuo. É aquela postura concreta e contemplativa ao mesmo tempo que o Regulamento (Art. 11 §2) descreve como «o sentido do concreto», acompanhada por «uma atitude de contemplação que leva a procurar e a reconhecer o mistério da presença de Deus no quotidiano».

Neste ponto, a encíclica aborda também de perto outro desafio associativo: interiorizar o PVA. Não basta tê-lo aprovado, não basta tê-lo estudado uma vez. É preciso deixá-lo atuar dentro de nós, para que se torne um critério de discernimento. Ler a **Magnifica Humanitas** com o PVA na mão significa precisamente isto: não acrescentar um documento a outro documento, mas treinar-nos para olhar para o mundo como Salesianos Cooperadores. E o mundo, hoje, não nos pede respostas repetidas por hábito; pede-nos presença, lucidez, escuta, capacidade de verificar e, quando necessário, também de mudar de rumo.

3. No seio da realidade: economia, política, cultura

A encíclica é exigente num ponto que corre o risco de passar despercebido: não basta ter bons princípios, é preciso levá-los aos locais onde se tomam as decisões. Leão XIV diz sem rodeios: «não basta invocar a ética: são necessários quadros jurídicos adequados, vigilância

independente, educação dos utilizadores, uma política que não abdique da sua missão» (n.º 106). Os cristãos são chamados a estar presentes nas empresas tecnológicas, nos parlamentos, nas universidades, nos sindicatos, levando critérios de justiça e de proteção dos mais fracos.

É precisamente este o âmbito que o PVA atribui aos Cooperadores leigos, que vivem a sua vocação «nas situações ordinárias da vida e do trabalho» (Estatuto, art. 3.º, n.º 2). O Regulamento (Art. 2.º, n.os 2 e 4) exorta-os a formar «uma consciência crítica madura para participarem de forma responsável na vida social nos âmbitos da cultura, da economia e da política» e a integrarem-se «nas estruturas culturais, sindicais e sociopolíticas, com vista à consecução e ao desenvolvimento do bem comum». O Estatuto (Art. 12.º, n.º 2) especifica que as atividades se desenvolvem em estruturas «civis, culturais, socioeconômicas, políticas, eclesiais e salesianas».

Não há, portanto, qualquer separação entre fé e vida pública. A encíclica não acrescenta nada de novo a esta convicção do PVA: reforça-a e atualiza-a. E, ao mesmo tempo, recorda-nos algo muito concreto: a corresponsabilidade não se mede apenas no seio das nossas estruturas associativas. Mede-se também na capacidade dos leigos de estarem presentes nos espaços da vida social com competência, consciência e liberdade interior.

No relatório sobre o Estado da Associação, falamos de autonomia solidária na corresponsabilidade. É uma expressão que aqui encontra uma aplicação muito prática. Autonomia não significa caminhar sozinhos, nem distanciar-se da Família Salesiana. Significa tornar-se adultos na missão, capazes de assumir responsabilidades específicas ali onde a vida nos coloca: no trabalho, na escola, nas instituições, nas profissões, nas relações quotidianas. Solidária, porque esta maturidade não fecha, mas abre à comunhão e ao bem comum.

4. Os jovens no ambiente digital: a fronteira salesiana

Entre os capítulos da encíclica, o quarto é talvez aquele que mais diretamente toca o coração salesiano. Leão XIV descreve jovens expostos precocemente aos dispositivos digitais, presos em dinâmicas de dependência, bullying, aliciamento online e acesso fácil a conteúdos violentos ou pornográficos (n.º 141). Por trás destas dinâmicas estão modelos económicos que monetizam a atenção, algoritmos concebidos para reter a atenção e plataformas que não têm interesse em proteger os mais vulneráveis. O Papa apela a uma «aliança educativa» entre famílias, escolas e instituições, e pede que os adultos redescubram a sua vocação de educadores — não como controladores, mas como acompanhantes.

Dom Bosco não teria tido dificuldade em reconhecer estas dinâmicas. Os nomes mudaram, os espaços tornaram-se digitais, mas a solidão dos jovens mais expostos é a mesma. O PVA

coloca esta atenção no centro da missão: o Estatuto (Art. 8.º, n.º 2) exige uma atenção privilegiada «aos jovens, especialmente aos mais pobres ou vítimas de qualquer forma de marginalização, exploração e violência». O Regulamento (Art. 2.º, n.º 3) apela a que nos mantenhamos «constantemente atualizados sobre a evolução dos meios de comunicação social, sobretudo pelo impacto que estes têm na formação dos jovens, das famílias e das classes populares».

Hoje, esta atualização significa conhecer os riscos do ambiente digital, saber acompanhar os jovens e as famílias em escolhas mais conscientes, promover aquela «higiene da atenção» de que fala a encíclica (n.º 146). O Regulamento (Art. 16.º, n.º 4) já indica a direção: utilizar as novas tecnologias «para favorecer o desenvolvimento da capacidade crítica», e não ser-lhes submetido.

Aqui, a correspondência com o relatório sobre o estado da Associação é quase natural. Tínhamos reconhecido o impacto das novas tecnologias na formação das jovens gerações como um dos grandes desafios do nosso tempo. Tínhamos também constatado uma dificuldade: a de envolver verdadeiramente os jovens, de falar a sua linguagem sem os perseguir de forma superficial, de lhes oferecer espaços em que não sejam apenas destinatários, mas protagonistas. A encíclica nos diz que esta não é uma questão secundária. É uma verdadeira fronteira educativa.

E, por isso, o sonho expresso no relatório — ser testemunhas credíveis e alegres, concretizando projetos de esperança, de fé e de vida com e para os jovens — não pode ficar-se por uma bela frase de congresso. Tem de tomar forma também aqui: em workshops de educação digital, em percursos para pais, em alianças com a escola, em comunidades locais capazes de ouvir antes de falar. É uma tarefa que diz respeito, em particular, a nós, Salesianos Cooperadores, mas que pode ser partilhada com toda a Família Salesiana, porque nenhum grupo, por si só, é suficiente perante a complexidade educativa dos nossos dias. O jovem conectado não precisa menos de presença; talvez precise ainda mais. Mas de uma presença adulta, serena, competente, sem ansiedade e sem moralismo.

5. Trabalho, família, dignidade

Nos números 148-169, a encíclica defende o trabalho como «dimensão fundamental da experiência humana» — não uma simples fonte de rendimento, mas um lugar de identidade, de relações e de contribuição para a comunidade. A automatização e a IA não são ruins em si mesmas, mas correm o risco de empobrecer esta experiência quando são guiadas apenas pela lógica da eficiência e do lucro. E quando o trabalho se torna precário ou desaparece, também a família sofre, pois é nele que constrói a sua estabilidade.

O PVA reconhece esta ligação. O Estatuto (Art. 8.º, n.º 3) compromete os Cooperadores a «promover e defender o valor da família como núcleo fundamental da sociedade». O Regulamento (Art. 2.º, n.º 1) aponta a «profissionalidade séria e atualizada» como uma das formas concretas de testemunho cristão no quotidiano. O Regulamento (Art. 7.º, n.º 2) valoriza o testemunho dos adultos precisamente através do «empenho no âmbito do próprio trabalho e da cultura, bem como do exercício das responsabilidades sociais, económicas e políticas».

O trabalho digno e a família estável não são questões separadas da missão apostólica: são parte integrante dela, hoje mais do que nunca. São porque o jovem não cresce no vazio. Cresce no seio de uma família, num bairro, em condições económicas que podem abrir ou fechar a porta à esperança. Quando uma família é esmagada pela incerteza, quando falta trabalho ou este se torna desumano, também a educação se torna mais frágil.

No relatório sobre o Estado da Associação, falamos das crises familiares e da crise da dignidade humana como desafios que exigem uma presença específica dos Salesianos Cooperadores. Muitos de nós somos casados, pais, trabalhadores, profissionais. Não olhamos para estas realidades de fora. Vivemo-las. Por isso, podemos oferecer não só palavras, mas um testemunho quotidiano: famílias que não se fecham, adultos que trabalham com honestidade, competências postas ao serviço, redes de apoio para quem tem mais dificuldades. É uma forma simples e concreta de apostolado, mas não por isso menos decisiva.

6. Comunicação, verdade, pensamento crítico

A desinformação não é um problema técnico, diz a encíclica: é um problema moral. Quando a distinção entre o verdadeiro e o falso se esbate, a democracia se enfraquece e as pessoas tornam-se manipuláveis (n.º 134). Quem controla as plataformas digitais detém um poder enorme sobre o imaginário coletivo, e esse poder deve ser exercido com responsabilidade. Leão XIV apela a uma «ecologia da comunicação» que não se reduza a normas e regulamentos, mas que forme pessoas capazes de pensamento crítico, de verificação das fontes e de resistência à simplificação.

O PVA já tinha identificado a comunicação como um âmbito apostólico específico. O Estatuto (art. 11) inclui-se entre as «atividades típicas» do Cooperador. O Regulamento (art. 2 § 3) apela a «valorizar a dimensão ética da cultura». O Regulamento (Art. 16.º, § 4) compromete a Associação a utilizar as novas tecnologias «para colaborar no diálogo cultural, para promover o desenvolvimento da capacidade crítica, para elaborar e divulgar recursos formativos acessíveis a todos».

A encíclica aprofunda as razões deste empenho: não se trata apenas de comunicar melhor, mas de preservar aquela confiança social sem a qual uma comunidade — eclesial ou civil — não se sustenta. Também aqui se vê o quão atual é o desafio formativo. Se os nossos Centros locais pretendem ser locais educativos, devem ajudar a desenvolver uma forma cristã e salesiana de viver a comunicação. O mesmo se aplica às comunidades educativas, pastorais e associativas da Família Salesiana, onde a palavra pode tornar-se uma ponte ou um obstáculo. Não basta abrir um canal, publicar um cartaz, enviar uma mensagem. É preciso educar-se e educar para a palavra verdadeira, verificada, respeitosa, capaz de construir e não de ferir.

Há também um aspecto muito concreto da identidade associativa. Uma comunidade que comunica mal, que simplifica em demasia, que se deixa levar por reações imediatas, acaba por perder o seu próprio estilo. Uma comunidade que, pelo contrário, cuida da palavra, escuta, verifica, explica com paciência, torna-se mais credível. E a credibilidade, como sabemos, era uma das palavras centrais do sonho indicado no relatório: ser testemunhas credíveis e alegres. A alegria salesiana não é barulho. É também serenidade na forma de comunicar, capacidade de suavizar os tons, de não acrescentar confusão à confusão.

7. As novas formas de escravidão: um ponto incômodo, mas necessário

Uma das passagens mais marcantes e menos previsíveis da encíclica é a denúncia das «novas formas de escravidão» ligadas à economia digital (n.ºs 173-179). Por trás de cada resposta gerada por um sistema de IA existe uma cadeia de trabalho muitas vezes invisível e explorada: quem classifica os dados por uma ninharia, quem, nas minas, extrai os minerais para os microprocessadores em condições perigosas, quem é vítima do tráfico de pessoas facilitado pelos instrumentos digitais. Leão XIV não se limita a denunciar: exige transparência nas cadeias de produção, responsabilidade ética das empresas e proteção concreta das vítimas. E faz também um gesto inesperado: pede perdão, em nome da Igreja, pelos atrasos históricos na condenação da escravidão (n.º 176).

O PVA coloca esta sensibilidade no centro do seu carisma. O Regulamento (Art. 2.º, n.º 2) exige que

«rejeitar tudo o que provoca e alimenta a injustiça, a opressão, a marginalização e a violência, e agir corajosamente para eliminar as suas causas». O Regulamento (Art. 3.º, n.º 2) compromete a Associação a promover «a solidariedade com os povos em desenvolvimento, a justiça e a paz». O Estatuto (Art. 7) exorta a viver a justiça «para construir um mundo mais fraterno que reconheça e promova os direitos de todos, especialmente dos mais fracos».

Esta passagem da encíclica é um convite a não nos limitarmos à superfície das tecnologias

que utilizamos, mas a questionarmo-nos sobre o que se esconde por trás delas: quem as construiu, em que condições, com que custo humano. É uma questão incômoda, porque também toca nos nossos hábitos quotidianos. Mas é precisamente aqui que a crise da dignidade humana, referida no relatório sobre o estado da Associação, se torna concreta. Não é um tema genérico. É a vida de pessoas reais, muitas vezes longe dos nossos olhos, mas não por isso longe da nossa responsabilidade.

Para nós, Salesianos Cooperadores, esta página pode tornar-se também um apelo educativo. Ajudar os jovens a utilizar a tecnologia não significa apenas ensinar-lhes a terem cuidado online. Significa também abrir-lhes os olhos para as cadeias de produção, para o consumo, para as desigualdades, para as novas e ocultas formas de pobreza. Significa educá-los a questionarem-se: este progresso torna alguém mais livre ou torna alguém mais invisível? É uma pergunta simples, mas pode mudar a forma de estarmos no mundo.

8. Paz, diálogo, rejeição da violência

O quinto capítulo da **Magnifica Humanitas** é uma denúncia direta da «cultura do poder»: a tendência crescente para considerar a guerra como um instrumento normal da política internacional, para investir em sistemas de armamento cada vez mais sofisticados, para utilizar a IA para tornar a violência mais rápida e menos visível. Leão XIV apela a «desarmar as palavras», a construir a paz na justiça, a relançar a diplomacia e o multilateralismo, a não nos deixarmos convencer de que não existem alternativas.

O PVA enraíza a vocação para a paz no centro da identidade salesiana. O Estatuto (Art. 7) inclui «a vontade decidida de ser construtores de paz num mundo agitado pela violência» entre os compromissos batismais vividos segundo o espírito das Bem-aventuranças. O Estatuto (Art. 8.º, n.º 5) apela ao empenho «na educação para a mundialidade como abertura ao diálogo entre as culturas». O Regulamento (Art. 3.º, n.º 4) compromete a Associação a «promover o diálogo intercultural e inter-religioso».

Ser construtores da paz hoje significa também — como sugere a encíclica — estar atentos ao uso das tecnologias em contextos de guerra e resistir à lógica que apresenta a força como a única resposta realista aos conflitos. Mas significa igualmente começar pelo que nos é mais próximo: pelas palavras que usamos, pelas tensões que alimentamos ou apaziguamos, pela capacidade de manter o diálogo mesmo quando não estamos de acordo.

Aqui retorna um aspeto importante do relatório: a comunhão na diversidade como caminho para a santidade. Num mundo que muitas vezes transforma a diversidade em desconfiança ou em confronto, a Associação pode ser um pequeno laboratório de paz. Não porque no seu seio falem dificuldades, diferenças ou incompreensões. Estas existem, como em qualquer família.

Mas é precisamente por isso que podemos aprender a transformá-las num exercício de comunhão. A paz não surge quando todos pensam da mesma forma; surge quando a diversidade não rompe o vínculo.

9. A fonte: a oração, a Eucaristia, Maria

A conclusão da encíclica remete tudo à fonte. Leão XIV evoca o *Magnificat* como o cântico de quem sabe ver a ação de Deus na história, mesmo quando esta não é evidente. Convida a uma espiritualidade eucarística que não separe a vida interior do empenho no mundo, mas que os mantenha unidos. E recorda que quem trabalha para construir um mundo mais justo não o faz contando com as próprias forças, mas deixando-se sustentar por uma esperança que vem do alto.

Também neste ponto, o PVA não precisava de esperar pela encíclica: o Estatuto (Art. 19, §2) afirma que os Cooperadores encontram «na Eucaristia o alimento da sua caridade apostólica» e na Reconciliação «a misericórdia do Pai, que imprime na sua vida uma conversão dinâmica e contínua». O Estatuto (Art. 14, §3) descreve a entrega diária a Maria como uma característica da espiritualidade salesiana. O Regulamento (Art. 12, §1) fundamenta tudo na vida de oração, «o diálogo diário com o Senhor, a participação nos sacramentos e a lectio divina».

O ponto de contato entre os dois textos é simples, mas importante: a ação sem oração torna-se ativismo; a oração sem ação corre o risco de se tornar evasão. É na interligação entre ambas que nasce um testemunho cristão capaz de perdurar.

Também o relatório sobre o Estado da Associação afirmava, com palavras muito concretas, que é necessário cultivar uma espiritualidade profunda para ir ao encontro dos jovens, ouvi-los e acompanhá-los. Esta expressão parece-me particularmente acertada. A espiritualidade não nos afasta dos jovens; se for autêntica, envia-nos para junto deles. Não nos fecha numa sala tranquila para nos proteger da complexidade; dá-nos o fôlego necessário para entrarmos nela sem perder a alma. E talvez hoje precisemos precisamente disso: adultos que não se agitem, não se desanimem, não se improvisem salvadores, mas que estejam ao lado, escutem, acompanhem e levem para dentro da história um pouco da esperança de Maria.

Para concluir

A «*Magnifica Humanitas*» não pede aos Salesianos Cooperadores que mudem de rumo. Pede que percorram com maior consciência e urgência um caminho que o PVA já tinha traçado. Oferece novos argumentos, novas urgências, novos cenários aos quais aplicar compromissos já assumidos com

a Promessa. E, ao mesmo tempo, sugere um método que pode ser valioso para toda a Família Salesiana: deixar-se interrogar pelos documentos da Igreja a partir do carisma recebido, sem os reduzir a citações e sem os transformar em exercícios teóricos.

O relatório sobre o Estado da Associação tinha-nos deixado algumas palavras fortes: desafios, corresponsabilidade, identidade, formação, missão, jovens, família, dignidade, sonho. A encíclica não retoma tudo da mesma forma e não precisa fazer. No entanto, quando a lemos com o PVA na mão, percebemos que muitas dessas palavras não pertenciam apenas a um momento do congresso. Eram, e continuam a ser, questões vivas.

Talvez a mensagem mais simples que possamos retirar seja esta: não devemos esperar que o futuro nos caia em cima. Podemos habitá-lo como Salesianos Cooperadores, com espírito crítico cristão, com competência laical, com espírito de família, com paixão educativa. E podemos fazê-lo sentindo-nos parte viva da Família Salesiana, não como realidades isoladas, mas como irmãos e irmãs que partilham a mesma raiz carismática. Podemos optar por não construir Babel, mas por construir, juntos, o pedaço de muro que nos foi confiado.

Espero que este texto se torne um instrumento útil nas reuniões dos Centros locais, nos momentos de formação permanente, na preparação dos planos apostólicos. E espero que, precisamente como método, possa ser retomado também em outros espaços da Família Salesiana, sempre que se deseje ler um documento da Igreja não a partir do exterior, mas a partir da própria vocação e missão. Não como mais um texto para arquivar, mas como ponto de partida para uma conversa concreta: o que significa, no contexto em que vivemos e atuamos, ser hoje Salesianos Cooperadores? O que diz este mesmo apelo aos outros grupos da Família Salesiana? E que pequeno pedaço de muro, aqui e agora, o Senhor nos pede para reconstruir juntamente com os jovens?